

A EXPRESSÃO DA EDUCAÇÃO PLANETÁRIA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCABILIDADES

Antonia Arisdélia Fonseca Matias Aguiar Feitosa, UFCG. arisdelfeitosa@gmail.com
Francisco José Pegado Abílio, UFPB. pegadoabilio@gmail.com

A Educação Planetária representa uma promissora expectativa aos projetos educativos de formação humana. Organizações Não Governamentais com projetos de ação social mobilizam ações e promovem mudanças em realidades indesejadas. O objetivo do estudo reside em compreender a relação entre os processos educativos conduzidos no interior de ONGs com as propostas teóricas, metodológicas, ideológicas e políticas da Educação Planetária. A pesquisa foi circunscrita a dois projetos de ação social, executados em uma entidade não governamental, na cidade de Cajazeiras-PB. A obtenção dos dados foi realizada por meio da observação, de entrevistas e análise documental no período de julho/2008 a dezembro/2009. Os projetos de ação social exercem papel importante na vida das pessoas com situações indesejadas e despertam nos sujeitos o compromisso e responsabilidade com a construção de novos cenários sociais. As ONGs com projetos sociais exercitam a educação planetária, uma vez que suas intervenções desenvolvem, nos sujeitos, novas formas de ser e estar no mundo. Ademais, despertam a compreensão de seu protagonismo na construção de suas identidades e da autorrealização pessoal e coletiva.

Palavras-chave: Educação Planetária. Organização Não Governamental. Projetos Sociais.

1 Introdução

A educação está situada como fundamento no processo de formação humana e desenvolvimento, assumindo um papel preponderante na construção de saberes, na orientação para o desenvolvimento humano e para novas formas de perceber, pensar e agir no mundo.

É necessário pensar a educação como um movimento que aconteça em todas as esferas da sociedade. Como um fazer educativo que represente a ideia-força para a construção de modalidades inovadoras no processo de formação humana, considerando o contexto e o cotidiano como recursos, meios e fins na configuração de sociedades mais justas, solidárias e sustentáveis.

Nesta perspectiva, de acordo com Cabral (2000), a sociedade civil, através de Organizações Não-Governamentais (ONGs), tem contribuído para a formação humana em suas múltiplas dimensões. Tal contribuição se reflete na construção de identidades dos sujeitos, de modo que estas entidades têm se constituído como agentes sociais que realizam mediações de caráter educacional, político, assessoria técnica, prestação de

serviços e apoio material e logístico para comunidades específicas e para diferentes segmentos da sociedade, nas esferas local, regional, nacional e internacional.

É possível visualizar nas proposições oficiais das ONGs (Estatutos, Regimentos, Programas, Projetos) algumas características comuns, entre elas enfatizamos a seguinte: são grupos com alguma organização formal que atuam tendo em vista a transformação de aspectos da realidade social, considerados como negativos (SCHERER-WARREN, 1998).

Abordamos, neste estudo, sobre as ONGs que desenvolvem ações sociais na perspectiva da sustentabilidade humana e planetária e que têm como pressupostos ideológicos de suas ações, princípios que conduzam as pessoas ao engajamento social em defesa do planeta, ao reconhecimento da interdependência entre sociedade e natureza. Estas entidades, de acordo com Santos (2006), são consideradas pioneiras na luta por uma educação que comungue o paradigma ecológico, cidadania participativa e sustentabilidade, na perspectiva da construção de um mundo melhor para todas as formas de vida.

O estudo guiou-se por duas questões específicas: 1) a partir de quais bases teórico-metodológicas se dá a materialidade do ideal da educação planetária? Que processos educativos, apreendidos a partir das ações conduzidas no âmbito das ONGs, se coadunam com a Educação Planetária e são passíveis de inserção nos diferentes espaços educativos?

A pretensão desta pesquisa foi compreender a relação que se dá entre os processos educativos conduzidos no interior das ONGs que desenvolvem projetos sociais e as propostas teóricas, metodológicas, ideológicas e políticas da Educação Planetária.

2 Múltiplos cenários que envolvem as ONGs

As ONGs são entidades multidimensionais de amplo espectro de intervenção e se revelam como possibilidades tanto nas políticas alternativas quanto nas promoções de políticas públicas.

Estas organizações, por se diversificarem na estrutura e funções, além de sua larga abrangência social, representam um campo de possibilidades para processos de intervenção em realidades sociais problemáticas. Dentro do seu diverso e multifacetado campo de atuação, elas constituem essencialmente uma força mobilizadora de valores e ideologias capaz de construir espaços de educabilidades para reorientar percepções

humanas e conduzir alterações nas estruturas sociais.

Tais organizações, por apresentarem estas características, se revelam como um campo de viabilidades a práticas educativas. Atualmente, as ONGs promovem mediações e parcerias entre a comunidade local organizada, setores públicos e privados e implementam programas sociais como: educação, saúde, saneamento, meio ambiente, geração de renda, entre outros, na busca da construção de uma sociedade mais igualitária, justa e com novas práticas coletivas.

Além do respaldo jurídico no novo Código Civil, as ONGs, por suas características de se orientarem sob as ideias definidos na missão de exercer a solidariedade e a cidadania, também conquistaram sua legitimidade junto à sociedade. Nesta perspectiva, elas se revelam como alternativas frente à incapacidade do Estado de resolver os problemas sociais que mais inquietam a população, em contextos específicos. Com este fim, criam uma identidade ideológica em consonância aos interesses da equidade e estabelecem objetivos comuns, estimulando nas pessoas a formação de um senso de comunidade, de objetividade, determinação e coletividade.

2.1 ONGs com projetos sociais

Atuam em espaços nos quais as divergências sejam postas em diálogo, onde as diferenças fortaleçam e não fragilizem os processos de construção coletiva de plataformas para intervenções nas realidades indesejadas.

Apesar dos perfis bastante diferenciados em termos de finalidades, recursos humanos, materiais e financeiros, as ONGs que executam projetos de ação social se coadunam em alguns aspectos, tais como: dão ênfase às atividades produtivas, de desenvolvimento e fortalecimento de grupos; possibilitam o intercâmbio de experiências “religando” indivíduos ou grupo de pessoas, geralmente excluídos dos processos de aprendizagem intelectual, buscam a realização subjetiva pela via da cooperação e coletividade.

A mobilização gerada no âmbito das ONGs, com a finalidade de intervir em realidades indesejadas (constituindo as bases de uma sociedade diferente, mais democrática, mais solidária e mais humana) tem reconfigurado a ideia de projeto utópico da humanidade do sentido de irrealizável para o campo de múltiplas possibilidades, em que o irrealizável torna-se possível.

Neste contexto, as ONGs com projetos voltados à ação social para a

sustentabilidade humana e planetária atuam como processos alternativos na tentativa de alcançar a melhoria na qualidade de vida de comunidades e de construir um novo modelo de desenvolvimento, no qual as pessoas sejam protagonistas de suas aprendizagens e de sua formação.

3 Percorso Metodológico

O estudo de caso constituiu a abordagem metodológica adotada, através da qual as experiências vivenciadas pela Ação Social da Diocese de Cajazeiras – ASDICA, relacionadas a dois projetos de ação social (Associação de Catadores de Material Reciclável de Cajazeiras, PB; e Comunidades Rurais) foram estudadas, considerando suas particularidades e complexidades (YIN, 2005; GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2006; MARTINS, 2008). Recorremos à fenomenologia como método para apreensão do conteúdo expresso nas informações obtidas.

O estudo foi iniciado com a análise de documentos institucionais da entidade para identificar as finalidades e a racionalidade orientadora das ações desenvolvidas a partir dos projetos sociais; também foram estudados os registros feitos pelos integrantes da coordenação/execução dos projetos em cadernos, pautas, agendas pessoais - para entender alguns aspectos envolvidos na execução das atividades; além dos projetos e respectivos relatórios (referentes ao período 2006-2008) - que expressaram as proposições e os resultados das ações executadas e oficialmente declaradas.

Dos sujeitos pesquisados, entrevistamos os coordenadores, executores e beneficiários dos projetos desenvolvidos. Através do discurso destes sujeitos, foram obtidas informações referentes às atividades executadas, bem como sobre os impactos gerados na vida das pessoas envolvidas e na comunidade como decorrência das intervenções promovidas através dos projetos sociais.

4 A Sustentabilidade Humana e Ambiental no Foco da ONG

O sentido da planetarização do ser está em fazê-lo reconhecer-se no mundo, como protagonista do seu destino e do futuro das sociedades. Para este fim é necessário que sejam desenvolvidas práticas coletivas capazes de colocar a humanidade em confluência com uma nova cultura social, pautada na sustentabilidade humana e planetária. As atividades educativas conduzidas no interior das entidades de ação social,

seja no âmbito formal, não formal e informal, são orientadas mediante uma forma de pensamento e uma visão de mundo, com intencionalidade.

O termo sustentabilidade aqui referido pressupõe, de acordo com Lima (2003, p. 116), “a capacidade de aprender, criar e exercitar novas concepções e práticas de vida, de educação, de convivência individual, social e ambiental – capazes de substituir os velhos modelos em esgotamento”.

A Ação Social da Diocese de Cajazeiras – ASDICA – constitui uma Organização Não-Governamental de caráter filantrópico, educativo e assistencial (características expressas nos documentos oficiais), que desenvolve projetos de ação social no meio urbano e rural da área de abrangência da referida Diocese. Tem como objetivo contribuir para a construção de sociedades mais justas, solidárias e a formação de sujeitos protagonistas de sua aprendizagem, de seu modo de ser e estar no mundo, em suas relações com o meio e com os demais seres.

As atividades fins da ASDICA são desenvolvidas a partir do Programa de Ação Social de Políticas Públicas (PASPP), caracterizado pela execução de projetos de ação social em diferentes dimensões da sociedade, junto às associações comunitárias, aos conselhos municipais, às entidades com trabalhos relacionados às questões ambientais e à convivência com o semiárido.

Os projetos de ação social analisados neste estudo foram construídos coletivamente, com a participação das pessoas pertencentes aos grupos sociais acompanhados, a saber: “Associação de Catadores de Material Reciclável” e “Ações em Comunidades Rurais”. Ficou evidenciado que as atividades de Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA) dos referidos projetos são orientadas a partir de um “Guia de Orientação Pedagógica”, cujo conteúdo constitui o fundamento teórico e filosófico que auxilia a equipe no processo de elaboração dos projetos. Tal conteúdo é analisado no âmbito da entidade, sofre as adequações metodológicas e é reconfigurado de acordo com os contextos específicos dos locais de cada grupo acompanhado. Este procedimento é percebido na expressão d@s coordenador@s pesquisad@s¹:

As atividades são flexíveis [...] a gente planeja, mas se trabalha sempre com a observação dos processos que vão acontecendo dentro da comunidade (Entrevistad@ 01).

Nós começamos pela necessidade dos próprios catadores em buscar

¹ Seguindo o exemplo de alguns estudiosos, como Sato (2000), utilizaremos a simbologia “@” para evidenciar uma linguagem inclusiva e não sexista.

políticas públicas, fomos trabalhando [...] eles sempre juntos [...] fomos vendo a necessidade de capacitações... (Entrevistad@ 02).

O percurso metodológico revelado nas falas dos entrevistados se dá com vistas a possibilitar a partilha de percepções entre as pessoas para realizar uma reflexão crítica sobre sua realidade. Percebe-se que este caminho orienta atitudes cooperativas e solidárias, além de proporcionar aos atores sociais uma aprendizagem que considera os efeitos de suas ações para o desenvolvimento do projeto com responsabilidade social. A compreensão da realidade inicial dos grupos acompanhados, por parte da equipe de coordenadores dos projetos, é construída não apenas pela análise dos relatos das vivências expressos oralmente pelos sujeitos, mas durante todos os processos interativos que são proporcionados aos participantes no sentido de deixá-los à vontade para expressarem seus pensamentos. O objetivo deste procedimento é construir relações em que as regras sejam substituídas pela espontaneidade.

Neste movimento, as representações que eles manifestam de si, do outro e do mundo constituem, para os coordenadores, os fundamentos que iluminam suas reflexões acerca dos contextos apreendidos. Este é um exercício que acontece pelo diálogo como mediação maior na socialização dos saberes, na troca de experiências e no desenvolvimento de conhecimentos pertinentes.

A entidade pesquisada, a ASDICA, traz no interior de suas atividades características de um fazer educativo para além das formas convencionalmente orientadas. É possível apreender que, neste espaço, há um exercício pedagógico pautado no diálogo permanente, como estratégia entre os seres e o seu meio, no sentido de considerar os contextos locais, no engajamento de todos os participantes e no fortalecimento dos interesses comuns. Estes processos, além de permitirem aos participantes um olhar crítico sobre as realidades, os capacitam a interferir nelas. Tais aspectos podem ter visibilidade a partir dos projetos estudados e das falas dos sujeitos:

Todo o processo de discussão na comunidade, as reuniões com as associações a gente discute os problemas deles e procura a motivação no sentido que eles vejam que os problemas existem e não são fáceis de resolver, mas que o caminho é irem à luta, juntos [...] A gente tem sempre analisado com eles que é preciso sair da concepção de aparecer algo de fora que vai resolver nossos problemas [...] A gente reflete com eles para que olhem para dentro da comunidade e veja quais as potencialidades que tem (Entrevistad@ 01).

[...] Eles aceitaram vir para as reuniões porque viram que o grupo podia colaborar (Entrevistad@ 02).

O ponto de partida para a construção de projetos de ação social no âmbito da entidade foi à compreensão coletiva da realidade que se queria modificar e este processo ocorreu através de etapas, reveladas no discurso dos sujeitos.

5 Indicadores da Ética Planetária nos Processos Pedagógicos da ASDICA

No âmbito da ASDICA foram apreendidos alguns aspectos da ética planetária, a saber: a busca pela inclusão; a noção de partilha; o respeito pelo meio ambiente humano e planetário através da busca permanente pela sustentabilidade; o conhecimento responsável; a luta pela sociedade democrática. Sob o ponto de vista ideológico, os pensamentos centrais que norteiam as ações desta entidade são: a necessidade de pensar o global e o local para além das questões econômicas e o entendimento de que a ética planetária congrega várias outras éticas, tais como a transcultural, supra econômica, a multidimensional e a pró-sustentabilidade.

A seguir estão apresentados alguns aspectos da ética planetária, presentes no agir da entidade, identificados durante esta pesquisa:

1º) No cenário que caracteriza a situação inicial em que se encontravam os grupos acompanhados pelos projetos da ASDICA, as pessoas demonstram atitudes de reificação diante dos “descasos” com que o poder público trata os problemas dos sujeitos. Esta realidade é apreendida no interior do grupo e tratada recursivamente através do diálogo, da reflexão crítica, da troca de experiências e dos relatos pessoais, para se converterem em desafios, que constituirão os indicadores do caminho e das metas a serem alcançadas. A elaboração de projetos e o planejamento das atividades são realizados a partir das visitas de intercâmbio, de palestras e realização de oficinas pedagógicas visando à conversão dos problemas particulares em desafios coletivos, como expressam os pesquisados:

Conseguimos verbas para trabalhar cursos de capacitação, envolvendo autoestima [que era essencial]. Fizemos oficinas de empreendedorismo, gestão, associativismo, alfabetização, reciclagem e também de espiritualidade, muitas oficinas de espiritualidade (Entrevistad@ 02).

A gente usa desde cedo a chamada visita de intercâmbio, onde eles conhecem experiências bem sucedidas, a gente faz essas visitas e eles experimentam oficinas porque encontro só com conteúdos eles dizem que já estão cansados de conversa [...](Entrevistad@ 01).

Neste movimento, os sujeitos exercitam a “escuta” e a “fala” para socializarem suas realidades e as ressignificarem através do diálogo. Isto permite que se desenvolva, nos indivíduos, um sentimento de pertença em relação ao grupo e de autoestima pessoal para sentirem-se capazes de assumirem atitudes de resistência aos contextos de sua realidade indesejada. A atitude de reconhecimento do potencial humano que as pessoas do grupo manifestam gera um fortalecimento mútuo entre os sujeitos, que passam a atuar como sujeitos mais valorizados, com seus direitos preservados, e acende neles a expectativa de alcançar as mudanças desejadas para sua comunidade, como está impresso no discurso dos pesquisados:

Antes nós era tratado como um lixo... hoje tá muito diferente, nós somo tratado que nem gente... hoje nós tem bem dizer assim, tem poder... poder de tá em qualquer lugar, numa mobilização... de trabalhar [...] Hoje nós já aprendemo mais na vida que... o que luta não é de ser o PASPP, os apoio... quem deve lutar é a gente quem deve gritar mais alto, são os catadores... nós faz o nosso trabalho (Entrevistad@ 05).

Este sentimento de auto realização, segundo Honneth (2003), é o transcender da atitude reificada, de desprezo e subordinação, para uma postura de sujeitos que se realizam na coletividade com a finalidade de conquistar a justiça social.

2º) A dinâmica de integração que os coordenadores desenvolvem para envolver os grupos acompanhados nos processos de planejamento, monitoramento e avaliação dos projetos possibilita, no interior da entidade, a mobilização de uma ética ecológica cujo ideal é gerar nos sujeitos a consciência de que todos constituem parte do equilíbrio procurado, seja nas relações interpessoais ou nas relações com o ambiente.

3º) No interior da ASDICA, as informações e saberes são mobilizados graças ao exercício da “expressão livre”, que é possibilitado a partir dos arranjos pedagógicos orientadores das ações e dos encaminhamentos estabelecidos dentro da entidade. Como resultado, constitui-se um saber diferenciado, gerado dos princípios cooperativos, com a finalidade de mudar a realidade para melhorar a qualidade da vida humana e do planeta.

4º) A realidade plural se apresenta aos coordenadores como ingrediente a constituir os projetos de ação social. Esta é analisada a partir de um pensar pedagógico capaz de possibilitar a identificação de finalidades sociais e a capacitação cidadã dos sujeitos. Trata-se de um pensar que proporciona aos grupos acompanhados a compreensão de que as demandas individuais precisam ser socializadas, refletidas e

reconfiguradas para compor as demandas coletivas. Para os coordenadores dos projetos de ação social envolvidos neste estudo, os desafios são, entre outros: desenvolver nos indivíduos as competências requeridas para um agir coletivo; despertar nos sujeitos o entendimento de que a construção do conhecimento ocorre mediante as informações, os saberes que as pessoas trazem de suas experiências e de seus contextos.

Pelo exposto, é *mister* enfatizar que os espaços sócio educativos a exemplo da ASDICA têm grande significado na vida dos grupos acompanhados. São locais em que as situações do cotidiano são problematizadas e analisadas considerando seus contextos, as expectativas dos grupos e refletidas mediante seus aspectos que se revelam como potenciais e limites.

Há, nesta dinâmica, a capacitação de todos os envolvidos nos processos e, conforme revelado por coordenadores dos projetos e beneficiários, estes têm suas concepções teóricas e práticas continuamente ressignificadas:

Posso dizer pessoalmente que eu mudei minha visão, meu modo de pensar, meu modo de agir [...] tanto que a mudança foi radical na minha casa, eu fiz porque eu vi que na vida existem pessoas com situações piores e muita coisa não vale a pena na vida da gente..., assim, levar em conta coisas que são pequenas, são ínfimas frente a outros problemas (Entrevistad@)03).

As ações pedagógicas são facilitadoras das aprendizagens no interior dos grupos, que interagem promovendo o exercício da reflexão sobre suas práticas. São, portanto, os espaços associativos campo fértil para empreender projetos de ação social, dado que as pessoas das comunidades alvo dos projetos, em geral, sentem-se impotentes pela condição de invisibilidade social com que são tratadas pelo poder público e pela sociedade a que pertencem.

Esta condição estimula os sujeitos e os encoraja a engajarem-se em ações alternativas. Além disso, funciona como incentivo para as ações alternativas que possibilitem o vivenciar de outras experiências em que os processos de inclusão sejam fenômenos de ressignificação para suas vidas em comunidade. Sobre esta compreensão, Honneth (2003, p. 259-260) refere-se ao desrespeito da seguinte forma:

Esse tipo de sentimento só pode tornar-se a base motivacional de resistência coletiva quando o sujeito é capaz de articulá-los num quadro de interpretação intersubjetiva que os comprova como típicos de um grupo inteiro [...] A resistência coletiva procedente da interpretação socialmente crítica dos sentimentos de desrespeito partilhados em comum não é apenas um meio prático de reclamar para

o futuro padrões ampliados de reconhecimento; o engajamento nas ações políticas possui para os envolvidos também a função direta de arrancá-los da situação paralisante do rebaixamento passivamente tolerado e de lhes proporcionar, por conseguinte, uma auto-relação nova e positiva.

Confirma-se, deste modo, a necessidade de um educar cooperativo e de um agir com responsabilidade social para que os sujeitos passem a compreender-se no e com o mundo reconhecendo-se como protagonistas das mudanças requeridas na sociedade. É a formação do indivíduo para a planetarização do ser, preconizada por Morin (2007).

As ações educativas orientadas por projetos de intervenção social constituem, neste século XXI, uma alternativa plausível, além de necessária, que a humanidade através da sociedade organizada vem desenvolvendo no sentido de responder aos desafios que nos são impostos nesta Era Planetária.

Considerações

Nesta investigação foi possível perceber que, no interior da entidade, o sujeito social e seu contexto constituem os pontos de partida e de chegada que iluminam as elaborações de planejamento e orientam as estratégias de execução das atividades dos projetos de intervenção em realidades indesejadas. As ações são conduzidas sob a coordenação da equipe que constitui a ASDICA, em parceria com outras instituições e entidades cujos trabalhos estejam voltados a realidades sociais indesejadas, no semiárido paraibano.

Os projetos analisados neste estudo (Associação de Catadores de Material Reciclável de Cajazeiras e Projeto em Comunidades Rurais) revelam processos educativos, desenvolvidos com a participação efetiva dos grupos acompanhados. As expressões individuais e as informações socializadas no grupo acerca de seu território e de suas experiências sociais são mobilizadas sob os processos dialógicos, permitindo que estes sujeitos associem o pontual ao planetário; que percebam a necessidade de se comprometerem com a construção de um mundo novo, mais justo e sustentável – tendo como referência inicial suas realidades concretas.

A pesquisa mostrou que as organizações da sociedade civil, através de processos educativos contribuem para desenvolver a Planetarização do Ser ao situá-lo no e com o mundo, ao conceder a este sujeito social um lugar de destaque nas relações humanas e tecer os fios a constituírem novos arranjos sociais. Desta forma, se constituem entidades

participativas no processo de construção de uma sociedade planetária humanizante.

Referências

CABRAL, Adilson. **Movimentos Sociais, as ONGs e a Militância que pensa, logo existe**. 2007. Disponível em: <http://www.comunicacao.pro.br/artcon/movsocong.htm>. Acesso em: 10 dez. 2007.

GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento** – a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORIN, Edgar. **Educar na Era Planetária** – o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana/elaborado para a UNESCO por Edgar Morin, Emílio Roger Ciurana,; Raúl Domingo Motta. 2. ed. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. Revisão técnica da tradução Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

SANTOS, Marli Alves. **Educação para a Cidadania Global: explorando seus caminhos no Brasil**. São Paulo: Textonovo, 2006.

SATO, Michele. Formação em Educação Ambiental – da escola à comunidade. In: COEA/MEC (Org.). **Panorama da Educação Ambiental no Brasil**. Brasília: MEC, mar. 2000. p. 5-13.

SCHERER-WARREN, Ilse. ONGs na América Latina: trajetória e perfil. In: VIOLA, et al. **Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

